



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA À ESPANHA
31 DE OUTUBRO - 9 DE NOVEMBRO DE 1982

CELEBRAÇÃO DA PALAVRA NO SANTUÁRIO DE MONSERRAT

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Monserate, 7 de Novembro de 1982

Caros irmãos no Episcopado:

Saúdo-vos com afecto.

Estimados irmãos e irmãs: louvado seja Jesus Cristo!

1. Ressoam com plena actualidade, na liturgia, as palavras do Profeta: "Virão muitos povos e dirão: "Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacob: Ele nos ensinará os Seus caminhos, e nós andaremos pelas Suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do Senhor"" (Is 2, 3).

Em consonância com o convite bíblico, a visita a Monserate associa, em união muito estreita, os valores da peregrinação religiosa com os encantos da meta mariana no cimo do monte, onde os céus se fundem com a terra. A subida ao Santuário, num quadro orográfico sugestivo, convida à evocação de uma história várias vezes secular.

Impressiona saber que estamos num lugar sagrado; que por estas mesmas veredas, abertas há séculos, caminharam, multidões de peregrinos, muitos deles ilustres pela sua descendência ou pela sua ciência. É um deleite, sobretudo, saber que seguimos as pegadas de João da Mata, Pedro Nolasco, Raimundo de Penafort, Vicente Ferrer, Luís de Gonzaga, Francisco de Borja, José de Calasanz, António Maria Claret e muitos outros santos eminentes; sem esquecer aquele soldado que, depondo as suas armas aos pés da Morenita, desceu do monte para dirigir a Companhia de Jesus.

2. Aflora aqui espontaneamente o cântico de júbilo do peregrino ao chegar à meta. O Salmista evoca, antes de tudo, o prazer inicial da viagem: "Rejubilei quando me disseram: 'vamos subir à casa do Senhor'" (*Sl 121/122, 1*). Uma alegria intensa, contagiosa, impaciente, no sentir de Santo Agostinho: "Corramos, corramos, porque iremos à casa do Senhor. Corramos e não nos cansemos, porque chegaremos aonde não nos fatigaremos... Iremos à casa do Senhor. Regozijei-me com os profetas, regozijei-me com os apóstolos. Todos eles nos disseram: Iremos à casa do Senhor" (*Enarr. Sl 121, 2*).

Logo a seguir descreve o Salmista a experiência incomparável dos peregrinos, quando chegaram à meta tão desejada: "Eis que param os nossos pés / às tuas portas, ó Jerusalém. / Jerusalém, cidade tão bem edificada, / formas um conjunto bem delineado. / Para lá sobem as tribos, as tribos do Senhor, / segundo a lei de Israel, para celebrar o nome do Senhor" (*Sl 121/122, 2-4*).

O primeiro sentimento é de admiração perante a solidez de um edifício bem fundado. Monserrate encontra-se felizmente na série daqueles santuários que o ano passado tive o gosto de qualificar como "sinais de Deus, da Sua entrada na história humana", pois representam "um memorial do Mistério da Encarnação e da Redenção", em maravilhosa consonância com essa "vocação tradicional e sempre actual de todos os santuários serem como uma antena permanente da Boa Nova da Salvação" (*Aos Reitores dos Santuários, 22 de Janeiro de 1981*).

Glória dos beneméritos Filhos de São Bento é terem convertido em realidade o sonho de Santo Agostinho: "Vê qual é a casa do Senhor. Nela é louvado o que edificou a casa. Ele é delícia de todos os que moram nela. Ele só é a esperança aqui e a realidade ali". (*Enarr. Sl 121, 3*). Fiéis ao seu carisma institucional, os Monges de Monserrate vivem a fundo o seu empenho de fazer da Basílica um exemplo de oração litúrgica, embelezando a celebração com os encantos da sua famosa *schola cantorum*, e orientando a sua prece em direcção pastoral em favor dos inúmeros devotos que se comprimem à volta da "Mare de Deo".

O ambiente convida irresistivelmente à oração, que é uma necessidade para peregrinos que subiram ao monte, "segundo o costume de Israel, para celebrar o nome do Senhor". É uma alegria glorificar aqui as suas grandezas, onde o cântico ao Criador flutua espontaneamente nos nossos lábios; é um dever agradecer com amor filial os seus dons generosos, também em nome dos nossos irmãos; é, por fim, uma medida de prudência solicitar reserva de energias em vista de ulteriores etapas. Porque a peregrinação prossegue. Não devemos pensar aqui na terra em "morada permanente", e havemos de "aspirar à futura".

3. A isto convida a atitude exemplar de Nossa Senhora, que é Mãe e, portanto, Mestra. Sentada no seu trono de glória em atitude hierática, como compete à Rainha dos céus e da terra, com o Menino Deus sobre os joelhos, a Virgem Morena desvela aos nossos olhos a visão exacta do último mistério glorioso do Santo Rosário.

É providencial, contudo, que a celebração litúrgica da festa, gravite em torno do mistério gozoso da Visitação, que constitui a primeira iniciativa da Virgem Mãe. Monserrate encerra, por conseguinte, lições valiosíssimas para o nosso caminhar de peregrinos.

Não se deve esquecer nunca a meta definitiva do último mistério de glória. "Pensa — dirá Santo Agostinho — que hás-de estar ali amanhã de manhã, e embora ainda estejas no caminho, pensa como se já estivesses ali, como se já gozasses infalivelmente entre os anjos, e como se já se realizasse em ti o que se disse: 'Bem-aventurados os que moram na tua casa; pelos séculos dos séculos te louvarão'" (*Enarr. Sl 121, 3*).

No caminho *deve-se imitar o estilo da Mãe* na visita que fizera a sua prima: "Por aqueles dias, pôs-se Maria a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade de Judá" (*Lc 1, 39*). O seu ritmo é decididamente exemplar segundo Santo Ambrósio: "Alegre no desejo, religiosamente pronta ao dever, impaciente na alegria, dirigiu-se para a montanha" (*Exp. Ev. Lc 2, 19*).

É necessário observar *que o seu itinerário não se limita a essa ascensão física para a montanha*. O Espírito irrompe num momento forte: fez saltar de alegria João no seio materno; inundou de luz divina a mente de Isabel; arrebatou a Rainha dos Profetas, impelindo-a em marcha ascensional para o cimo do monte invisível do Senhor. Fê-lo seguindo a lei maravilhosa que "derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes" (*Lc 1, 52*). O "Magnificat" representa o eco daquela experiência sublime na sua peregrinação paradigmática: "A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilde condição da Sua serva. De facto, desde agora todas as gerações me hão-de chamar ditosa" (*Lc 1, 47-48*). O cântico de Maria ressoa indifectivelmente ao longo dos séculos. Aqui em Monserrate parece ter-se cristalizado até ao ponto de constituir "um Magnificat de rocha". Não é apenas sinal que faz fé da ascensão realizada; é além disso uma seta indicadora de ulteriores escaladas.

A virtude do peregrino é a esperança. Aqui é possível fazer provisão; porque Maria a cinge entre os seus braços e a põe maternalmente ao nosso alcance. Inclusivamente sem nos darmos conta, como fizera com os esposos de Caná da Galileia. Intervém sempre com solicitude e delicadeza de mãe. Fê-lo de forma exemplar no mistério da Visitação, salientado com acento litúrgico indelével em Monserrate. Explica-se, portanto, que ressoe diariamente nesta montanha o timbre melodioso da saudação a Nossa Senhora, à Rainha, à Mãe, à Depositária da esperança que encoraja os peregrinos: Deus vos salve, vida, doçura e esperança nossa.

4. O Salmista alude a uma Jerusalém celeste que se entrevê através da Jerusalém terrena. Será forçada a transposição da imagem? A Virgem de Monserrate, sentada no seu trono, com o Filho em cima dos joelhos, parece estar à espera de poder abraçar com Ele todos os seus filhos. A nossa peregrinação espiritual consiste, em definitivo, em alcançar em plenitude a filiação divina. A nossa vocação é um facto; por predilecção incompreensível do Pai, fez-nos filhos no Filho:

"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que n'Ele nos escolheu antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados diante dos Seus olhos. Predestinou-nos para sermos Seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo, por Sua livre vontade, para fazer resplandecer a Sua maravilhosa graça, pela qual nos tornou agradáveis em Seu amado Filho" (*Ef* 1, 3-6).

O Salmista descreve a meta como uma "Jerusalém que se edifica como cidade". O que dá ensejo a Santo Agostinho para modelar a filiação noutra registo: "Agora está a edificar-se, e para ela concorrem na sua edificação pedras vivas, das quais diz São Paulo: 'também vós, como pedras vivas, sois edificados em casa espiritual'" (*Enarr. Sl* 121, 4). Este monte recortado de forma estranha, que é Monserrate, parece uma pedreira incomparável. "Agora edifica-se a cidade, agora são cortadas as pedras dos montes pelas mãos dos que pregam a verdade e são esquadradas para se unirem em construção eterna" (*ib.*). Daqui, de Monserrate, da região catalã, da Espanha inteira devem extrair-se os silhares da nova construção.

Sem esquecer que o fundamento é Cristo (cf. *1 Cor* 10, 4). Com as consequências que isto traz consigo na arquitectura. Dir-se-ia que Santo Agostinho, ao comentar o salmo, tinha uma Basílica como a de Monserrate diante dos olhos: "Quando se deita o cimento na terra, edificam-se as paredes para cima, e o seu peso gravita para baixo, porque em baixo está colocado o cimento. Mas se o nosso cimento ou fundamento está no céu, edificamos para o céu. Os construtores edificaram esta "basílica que vedes erguer-se majestosa; mas como a edificaram os homens, colocaram o cimento em baixo; mas quando espiritualmente somos edificados, coloca-se o fundamento no alto. Corramos pois para ali, a fim de sermos edificados, porque desta mesma Jerusalém foi dito: "Eis que param os nossos pés às tuas portas, ó Jerusalém'" (*Enarr. Sl* 121, 4). O templo onde param os nossos pés é uma porta dessa outra construção, da qual nos sentimos pedras vivas.

5. Não é lícito ignorar a sugestão oferecida aos peregrinos: "Pedi a graça da paz para Jerusalém, / e vivam em segurança os que te amam. / Reine a paz dentro dos teus muros, / e a tranquilidade nos teus palácios. / Por amor dos meus irmãos e dos meus amigos, / direi: haja paz para ti. / Por amor da casa do Senhor, nosso Deus, / pedirei para ti todos os bens" (*Sl* 121/122, 6-9).

A paz resume em síntese o conjunto de bens que pode um homem desejar. Uma paz baseada firmemente na aliança do Senhor, que é fiel para com os eleitos. Desta montanha santa, oásis de serenidade e de paz, desejo a autêntica paz messiânica para todos os homens, que são irmãos e para os quais a Morenita olha com o mesmo amor de Mãe. E que encomenda a seu Filho divino. "Ele julgará as nações, e dará as Suas leis a muitos povos, os quais das suas espadas forjarão relhas de arados, e das suas lanças, foices. Uma nação não levantará a espada contra outra nação e não se adestrarão mais para a guerra. Casa de Jacob, vinde, caminhemos à luz do Senhor" (*Is* 2, 4-5).

Que a montanha santa, Senhor, seja campo de oliveiras, seja "sacramento de paz". Um sinal do que são os filhos que amam ao lado da mãe comum; e um impulso eficaz para realizar na verdade o que ressoa hoje como utopia. E será realidade na medida em que os homens se conformarem docilmente ao único imperativo que os Evangelhos recolheram da boca de Maria: "fazei o que Ele vos disser". E Ele chama-se "príncipe da paz".

6. Damos-te graças. Senhor, pela felicidade que nos trouxe pousar os nossos pés aqui no santuário consagrado à Mãe, e onde nos sentimos confortados com impulso renovado para o nosso itinerário futuro.

Pedimos-te, ó Pai, que nesta Basílica, onde mora o teu Filho Jesus Cristo, Filho de Maria, concedas copiosamente a paz, a concórdia e a alegria a todas as tribos peregrinas da nova Israel. Faz, Senhor, que todos os homens consigam descobrir o profundo sentido da sua existência peregrina na terra; que não confundam as etapas com a meta; que adequem a marcha segundo o exemplo de Maria. Ela será a sua Auxiliadora; porque aqui, agora e sempre, Maria é Rainha poderosa e Mãe piedosíssima. Amém.